

# REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ISLAMISMO

**Palavras-Chave: Islamismo; Gênero; Sexualidade**

**Autores:**

Leticia Talarico Sanches, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. Christiano Key Tambascia (orientador), IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. Luiz Gustavo Freitas Rossi (coorientador), IFCH - UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

O presente projeto de pesquisa teve como objetivo inicial compreender a possibilidade de haver um lugar de pertencimento na religião muçulmana para mulheres lésbicas poderem expressar suas identidades e sexualidades. No entanto, tendo em vista que o projeto foi contemplado com a bolsa seis meses após o início do calendário do programa, foi necessário reestruturar o caminho a ser percorrido. Além disso, por tratar-se de uma temática que relaciona religião, gênero, sexualidade e raça, os objetivos iniciais foram muito abrangentes, ao se propor a analisar esses emaranhados no mundo muçulmano em busca de uma resposta para esse lugar ocupado pela sexualidade e o gênero no islamismo.

Nesse sentido, fez-se necessário realizar um recorte mais específico a ser trabalhado pela pesquisa a fim de analisar, sob uma nova ótica, a construção ocidental de categorias sexuais associadas ao Oriente através do imperialismo e colonialismo europeu.

Em vista disso, o título inicial “Qual o lugar (ou não lugar) da mulher lésbica muçulmana no islamismo?” foi substituído por “Representações de gênero e sexualidade no islamismo”.

## METODOLOGIA:

A metodologia utilizada consistiu na revisão e análise bibliográfica de autores e autoras que estudam o islamismo e suas relações com gênero, sexualidade e com o colonialismo e imperialismo ocidental. Para me aprofundar na questão de gênero no Oriente, principalmente no mundo muçulmano, a pesquisa pautou-se nos trabalhos das pesquisadoras Lila Abu-Lughod (2001, 2012), Leila Ahmed (1992), Francirosy Barbosa e Camila Paiva

(2017, 2021). A respeito da compreensão da relação entre Ocidente e Oriente e as relações de poderes nelas imbricadas, a pesquisa baseou-se no estudo clássico do Orientalismo realizado pelo intelectual palestino Edward Said (2007). Por fim, para adentrar na relação entre sexualidade e religião, o projeto utilizou-se de pesquisas realizadas por Shanon Shah (2016) e Joachim Vanheusden (2020).

Além disso, foram realizadas análises fílmicas de duas obras - *I can't think straight* (2008) e *Polarized* (2023) - da diretora e roteirista lésbica Shamim Sarif, origem indiana muçulmana. Em suas produções, Sarif explora o cinema LGBTQIAP+ e constrói narrativas que trazem diversidades raciais, étnicas e religiosas. Foi analisado também o livro *A última filha* (2021), de Fatima Daas, escritora lésbica muçulmana, de origem árabe e imigrante na França. Dessa forma, os filmes e o livro contribuíram para adensar e articular uma reflexão sobre representações acerca dos conflitos internos relacionados à conciliação da fé e da sexualidade na experiência de mulheres muçulmanas e lésbicas. Tais obras também permitiram trazer cenários e contextos que evidenciam a islamofobia e racismo propagados pelos países europeus a imigrantes árabes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Para compreender a lesbianidade no islamismo foi necessário investigar as intersecções dos sistemas de opressões baseados nas categorias raça, gênero, sexualidade e classe. Dessa forma, o heterossexismo, o patriarcado e o colonialismo se relacionam de maneira a produzir discursos de incompatibilidade do Islã com o modelo de democracia liberal do Ocidente, que o imperialismo ocidental projetou como única alternativa ideológica para todas as nações (Vanheusden, 2020). Nesse sentido, as incursões imperialistas e coloniais ocidentais sobre o mundo muçulmano projetam propostas de suposta “salvação” das mulheres e pessoas LGBTs no âmbito dessa cultura “opressora”, sob lentes civilizacionais ocidentais. Assim, percebe-se a construção do mito ocidental do mundo muçulmano como atrasado, conservador, patriarcal e homofóbico.

O Ocidente constrói-se à medida em que produz o Oriente como oposto aos valores e normas ocidentais (Said, 2007). Sendo assim, a representação do Ocidente é auto-referencial, pois ele simboliza tudo o que o Oriente não é. Em vista disso, o Oriente torna-se a personificação do imaginário orientalista e representa, na verdade, um espaço geográfico construído. E é assim que o orientalismo se consolida como a construção do “outro” oriental enquanto exótico e sua necessidade de receber ajuda do salvador branco ocidental para o processo civilizatório da região. Dessa forma, o orientalismo é “um estilo ocidental para

dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (Said, 2007, p. 24). Portanto, a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder.

A luta orientalista pela emancipação das mulheres muçulmanas ignoraria, portanto, a agência dessas mulheres, desconsiderando as condições e práticas pelas quais elas se constroem enquanto sujeitos, assim como elas desafiam, redefinem e se envolvem criticamente com suas heranças culturais (Ahmed, 1992). Assim, o discurso feminista imperial coloca a mulher muçulmana num lugar de passividade e de um corpo ausente de agência, pautando-a como vítima dominada e submissa. Nesse sentido, Lila Abu-Lughod (2012) aponta para a importância de compreender que os valores tradicionalmente associados às políticas de emancipação feminina, no Ocidente, não são universais. Por isso, o feminismo classificado pela autora como “cultural” negligencia as diferenças de classe, raça e sexualidade, assim como de origem étnica, pautando-se um feminismo de pretensões universalizantes que não se adequa às realidades históricas e culturalmente múltiplas das mulheres e suas vivências. Portanto, os símbolos femininos islâmicos são mobilizados pelo colonialismo ocidental, que se apropriou das vozes femininas numa tentativa de reduzir o Oriente a um espaço de atraso e violência de gênero, o qual precisa do colonizador para levá-las à liberdade e ao progresso (Abu-Lughod, 2012).

Sendo assim, os discursos de emancipação da mulher muçulmana fazem parte do discurso civilizacional do Ocidente e suas políticas de intervenção. Assim como a pauta da diversidade sexual, que tem ocupado o novo “índice” de civilização, e ecoa através dos discursos de emancipação gay (Vanheusden, 2020). No entanto, a criação de um mundo inclusivo para as pessoas da comunidade LGBTQIAP+ não é o objetivo final, visto que representa, na verdade, a manutenção da supremacia ocidental e dos interesses imperiais sobre o mundo muçulmano (Puar apud Vanheusden, 2020). Dessa forma, são propagadas políticas imperiais em defesa da “democracia”, da “liberdade”, da “diversidade sexual”, e em nome da proteção dos gays e lésbicas de sua cultura dita como opressora, patriarcal e homofóbica, apagando, assim, a homofobia generalizada e a falta de igualdade social presente nas próprias sociedades ocidentais (Robinson apud Vanheusden, 2020).

Além disso, como destacam os autores, nos textos sagrados, não há menção à homossexualidade, na medida em que a ideia de orientação sexual é, ela mesma, uma construção moderna, assim como as categorias e identidades sexuais - heterossexual, bissexual, gay e lésbica - não são universais, e sim construções ocidentais. Sendo assim, a homossexualidade como categoria social tornou-se patologizada e excluída da cidadania

sexual não apenas nas metrópoles ocidentais, mas também nas colônias devido ao processo “civilizatório” do imperialismo europeu (Erwing apud Vanheusden, 2020). Isso porque a imposição da heteronormatização da sociedade e da institucionalização da homofobia pelas metrópoles ocidentais destruiu a ordem sexual das comunidades e culturas muçulmanas, que eram permissivas às relações homoafetivas, no período medieval, antes do imperialismo europeu sobre o mundo muçulmano (Vanheusden, 2020).

## **CONCLUSÕES:**

Dessa forma, é crucial compreender que o Islã não é condenatório e nem restritivo, e assim como as outras religiões, é moldado pelos contextos cultural, político, socioeconômico, histórico e geográfico (Habib apud Vanheusden, 2020). Portanto, o Islã não condena a homossexualidade, mas muçulmanos podem vir a condenar. Sendo assim, não há interpretações oficiais e verdadeiras do Islã, mas elas são construídas socialmente através dos contextos sociais, políticos, históricos e econômicos (Mahomed apud Vanheusden, 2020).

Por isso que Shanon Shah (2016) destaca a maneira como muçulmanos que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+ estão assumindo o controle da sua fé e reinterpretando o Islã de forma a incluir e expandir as noções de igualdade, diversidade e justiça social. Dessa forma, eles criam pedagogias religiosas alternativas às leituras dominantes das autoridades islâmicas tradicionais, de modo a utilizar o Islã como “recurso cultural” (Beckford apud Shah, 2016) para produção de interpretações inclusivas, que abarque a diversidade sexual.

Nesse sentido, as obras produzidas pela cineasta Shamim Sarif ocupam um espaço importante de desconstrução dos discursos islamofóbicos e racistas do Ocidente sobre o Oriente. Isso porque, apesar de seus filmes tratarem das dificuldades em conciliar a fé e a sexualidade, há sempre finais felizes, que parecem simbolizar a necessidade de reconhecer as mulheres muçulmanas como agentes, que abraçam simultaneamente sua religião e sua lesbianidade. Além disso, ambos os filmes se passam na Europa, sendo possível perceber o racismo e a islamofobia sofridos pelas protagonistas e suas famílias. Dessa forma, percebe-se como o discurso de emancipação LGBT e da mulher propagado pelo Ocidente, principalmente pelos países europeus e também os Estados Unidos, se contradiz à medida em que constroem políticas anti-imigrantes e anti-muçulmanos.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. *Estudos Feministas*, p. 451-470, 2012.

ABU-LUGHOD, Lila. Orientalism and Middle East Feminist Studies. *Feminist Studies*, p. 101–13, 2001.

AHMED, Leila. *Women and gender in Islam: Historical roots of a modern debate*. Yale University Press, 1992.

DAAS, Fatima. *A última filha*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. 194 p. ISBN 978-65-86719-97-0.

PAIVA, Camila Motta; BARBOSA, Francirosy Campos. Decolonizando a sexualidade no Islã: um diálogo com mulheres muçulmanas brasileiras. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 33, p. 1-17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33240224>.

PAIVA, Camila Motta; BARBOSA, Francirosy Campos. Sexo/prazer no Islam é devoção. *Religião & Sociedade*, 37 (3), 198-223, 2017.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHAH, Shanon. Constructing an Alternative Pedagogy of Islam: The Experiences of Lesbian, gay, Bisexual and Transgender Muslims. *Journal of Beliefs & Values*, 37 (3), p. 308–319, 2016.

VANHEUSDEN, Joachim. *Homosexuality, Islam and the West*. Orientador: Ladan Rahbari. Dissertation (Master in Gender and Diversity) - Universiteit Gent, 2020.